

Identidades de gênero e filmes infantis: um panorama sobre as novas perspectivas da construção das identidades de gênero em crianças

**Heitor Tavares Zanoni
Eliane Schmaltz Ferreira**

Resumo: O propósito deste trabalho é compreender as formas como os filmes infantis contribuem para a formação da identidade de gênero em crianças e buscar entender o motivo da abordagem de novas configurações de gênero pelos filmes infantis recentes, que adotam personagens com identidades de gênero alternativas (homossexuais, bissexuais, transexuais, travestis, etc.). Para isso, foi feita uma pesquisa bibliográfica e a análise de dois filmes infantis clássicos e dois recentes (para a posterior comparação entre os mesmos). Os autores utilizados na pesquisa foram Teresa de Lauretis, Maria Celeste Mira, Ralph Linton e Daniel Welzer-Lang, recuperando desses autores o conceito de gênero utilizado no trabalho, as formas de construção da identidade de gênero, tanto em homens como em mu-

Heitor Tavares Zanoni. Graduando em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Uberlândia. Pesquisa a relação entre construção da identidade de gênero em crianças e filmes infantis sob orientação da Professora Dra. Eliane Schmaltz Ferreira, do Departamento de Ciências Sociais da UFU. Atualmente é estagiário na Biblioteca do Campus Santa Mônica, participando da BDPT (Biblioteca Digital de Peças Teatrais).

Eliane Schmaltz Ferreira. Professora Departamento de Ciências Sociais da UFU.

Texto recebido: 20/11/2009.

lheres, e a influência da cultura na personalidade dos indivíduos. Os filmes infantis analisados foram: Cinderella e A Bela Adormecida, como clássicos, e Shrek e Deu a louca na Chapeuzinho, como recentes. As conclusões às quais é possível chegar, através da análise dos filmes com base no referencial teórico pesquisado são: é inegável a influência dos filmes infantis na construção da identidade de gênero nas crianças, uma vez que os personagens são envolventes e se tornam exemplos a serem seguidos pelas crianças; que as novas configurações de gênero adotadas pelos filmes infantis mais recentes podem influenciar positivamente as crianças adaptando-as a essa realidade das identidades de gênero alternativas percebidas na sociedade contemporânea, e que os motivos que levaram os produtores de filmes infantis a adotarem essas novas configurações de gênero são inúmeros, considerando que esses profissionais são tanto vítimas quanto produtores de cultura.

Palavras-chave: Identidade de Gênero. Educação. Filmes Infantis. Educação Infantil.

Abstract: The aim of this work is to understand how the infantile films contribute for the formation of the identity of sort in children and (to search) to understand the reason of the boarding of new configurations of sort for the recent infantile films, that adopt characters with alternative identities such as homosexuals, bissexuais, transexuais, travestis, etc. For this, a bibliographical research was made and an analysis of two classic infantile films and two recent ones (for the later comparison between the same ones). The authors used in the research were Teresa de Lauretis, Celestial Maria Aiming, Ralph Linton and Daniel welzerlang, taking back of these authors the concept (of sort) used in the work, the forms of construction of the identity, as both in men as in women, and the influence of the culture in the personality of the characters. The analyzed infantile films were: Cinderella and Sleeping Beauty, as the classic ones, and Shrek and Hoodwinked, as the recent ones. The conclusions we made in the work were: the influence of the infantile films in the construction of the identity of sort in the children is undeniable, once that the characthers are so catchy and become examples to be followed for the children; that the new configurations of sort adopted by the more recent infantile movies can influence the children positively adaptating them to this reality of the alternative

identities of sort noticed in the contemporary society, and the reasons that had taken the producers of infantile films to adopt these new sort configurations are incontable, considering that these professionals are at the same time producers and victims of this culture of now a days.

Keywords: Infantile Identity of Sort. Education. Films Infantil. Education.

Introdução

Príncipe encantado? Princesas em apuros? Bruxas cruéis e vilões que sempre querem estragar o final feliz? Este trabalho procura relacionar todos esses personagens que povoam os contos de fadas com a construção da identidade de gênero nas crianças. Procuro descobrir como os filmes infantis podem influenciar nas atitudes das crianças e desenvolver uma certa mentalidade nelas a respeito do que é ser homem e do que é ser mulher.

No mundo em que vivemos ainda existe uma tendência a considerar o padrão heterossexual de relacionamentos (sexo masculino, gênero homem, prática sexual com mulheres e desejo sexual por mulheres, ou o inverso) como normal e aceitável. As demais sexualidades alternativas (homossexuais, bissexuais, transexuais, etc.) são consideradas estranhas e meras perversões. Mas acredito que o indivíduo social não adquire essas idéias apenas na fase da adolescência, na qual ele opta por uma ou outra sexualidade. Essas idéias já atormentam a cabeça das crianças desde muito pequenas e é através da educação(escola, pais, amigos) e do meio em que a criança vive que ela vai desenvolver e consolidar suas noções de gênero. Por isso, neste trabalho, tentarei analisar um dos fatores que compõem o meio em que a criança vive e que acredito ter fundamental importância na construção da identidade de gênero da mesma: a mídia e, mais especificamente, os filmes infantis.

Mas não é possível falar de gênero sem conceituá-lo, uma vez que essa categoria de análise social é muito abstrata¹ e, se não se utilizar de um conceito específico, o trabalho se tornaria confuso e proble-

¹ Considero a categoria gênero abstrata, uma vez que ela deve ser analisada no interior da sociedade sem poder ser manipulada; é uma categoria que está implícita nas relações sociais e está interiorizada na personalidade de cada ser social.

mático. Por isso, pesquisei o conceito de gênero que melhor se adapta ao tema deste trabalho, e cheguei ao conceito elaborado por Teresa de Lauretis, que considera o gênero ao nível das representações, e representar é atribuir significado às relações sociais. Para essa autora, o gênero é uma construção sócio-cultural (um categoria criada e desenvolvida pela sociedade e que se apóia nas culturas para se interiorizar nas relações sociais e nos próprios indivíduos), mas é também um aparato semiótico (um sistema de representações) que atribui significados a indivíduos de uma sociedade. De Lauretis trabalha com a relação sexo-gênero, que é conseguir pensar a conjugação entre a representação da construção sócio-cultural e o aparato semiótico. A autora se utiliza da idéia de que o sujeito é múltiplo e dividido², e não único e contraditório. Esse sujeito se constitui através das chamadas tecnologias sociais³, que são os recursos utilizados pela sociedade para ditar regras de conduta aos indivíduos. Tais tecnologias podem ser exemplificadas pelo cinema, pelos discursos da ciência, pelos discursos epistemológicos, pelas práticas institucionalizadas (normas de conduta estabelecidas pela família, pela escola, etc.) e pelas práticas da vida cotidiana. Sendo assim, para De Lauretis, o gênero “molda” os indivíduos através de papéis sociais previamente estabelecidos, constituindo indivíduos concretos em sujeitos⁴.

² Sujeito múltiplo e dividido, para De Lauretis, aparece no sentido de que o sujeito é construído na intersecção de múltiplos elementos, ou seja, o sujeito é fruto da relação de uma série de fatores, como classe, gênero, códigos linguísticos, etc. (LAURETIS, de T. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, H. B. (Org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 206-242).

³ Termo que Teresa de Lauretis pega emprestado de Foucault.

⁴ Idéia tirada da teoria de Althusser.

Considero que outras teorias são de suma importância para o desenvolvimento do presente trabalho, procurando, obviamente, não me limitar à teoria elaborada por Teresa de Lauretis. Por isso, utilizei também ao longo do trabalho a teoria de Daniel Welzer-Lang sobre a construção da identidade masculina, relacionando-a com os heróis dos filmes infantis; a teoria de Maria Celeste Mira sobre a construção da identidade feminina, relacionando-a com as donzelas e princesas dos filmes infantis, e me utilizei ainda da teoria do antropólogo Ralph Linton, que busca relacionar a cultura com a personalidade dos indivíduos. Acredito que a discussão que Linton faz é bastante introdutória para a abordagem que pretendo realizar ao longo deste trabalho. Sendo assim, tentarei introduzir minha discussão teórica

mais específica, partindo da teoria desse autor. Linton não discute especificamente as questões de gênero, mas sua teoria pode ser adaptada a este trabalho, uma vez que os filmes infantis fazem parte das culturas das sociedades e as identidades de masculino e feminino compõem a personalidade dos seres sociais⁵.

Para Linton, personalidade é a gama de reações que os indivíduos apresentam como produto de suas diversas experiências da vida cotidiana, experiências essas que derivam da interação entre o sujeito e o meio em que ele vive. Para o autor, as identidades de masculino e feminino pertencem ao que ele denomina de *Personalidades de Status*, um tipo específico de personalidade que é imposta ao *Tipo Básico de Personalidade* (elementos comuns que compõem as personalidades dos indivíduos de uma sociedade) da sociedade e integrada nesse tipo básico. Os padrões impostos pela personalidade de status chegam ao indivíduo em termos simples para que o ser social não tenha dificuldades em absorver tais padrões e utilizá-los em seu cotidiano. Toda sociedade tem suas próprias personalidades de status, que podem se alterar de acordo com a cultura ou, como muitos acreditam, de acordo com fatores biológicos, como fatores sexuais e a hereditariedade. Segundo Linton, a cultura influencia a construção da personalidade durante toda a vida do indivíduo e pode influenciá-lo através da educação (outros indivíduos apresentam comportamentos culturalmente padronizados para com a criança) e através da própria observação que o indivíduo faz dos padrões de conduta da sociedade em que vive.

Adaptando a teoria de Linton ao tema a ser abordado neste trabalho, podemos constatar que as identidades de gênero são frutos das experiências dos seres sociais, ou seja, das relações entre esses seres e o meio que os rodeia. Dessa forma, fica claro que se os filmes infantis fazem parte da cultura dos indivíduos e, conseqüentemente, do meio em que eles vivem, a influência desse aspecto cultural na construção das identidades de gênero é evidente. Isso se torna mais claro ainda quando Linton menciona as duas maneiras que a cultura pode influenciar o ser

⁵ LINTON, R. O papel da cultura na formação da personalidade. In: _____. *Cultura e personalidade*. São Paulo: Mestre Jou, 1973, p. 129-154.

social, ou seja, as crianças se baseiam na percepção que elas têm das personagens dos filmes infantis para “imitar”⁶ as atitudes e principais características (físicas e mentais) de tais personagens e, posteriormente, refletirem isso em suas próprias personalidades.

Tendo em vista todo o conteúdo abordado até o momento, é impossível negar a influência dos filmes infantis na construção da identidade de gênero em crianças. Dessa forma, já se tornou evidente o tema central deste trabalho (a articulação filmes infantis — construção da identidade de gênero) e os propósitos do mesmo. Analisando criticamente os filmes infantis que vêm surgindo recentemente, percebe-se uma tentativa de desconstrução dos padrões pré-estabelecidos de gênero, uma vez que as princesas lutam como homens e são corajosas e os príncipes são passivos e delicados como mulheres⁷. Tendo em vista essas novas configurações de gênero abordadas pelos filmes infantis recentes, procurarei, ao término deste trabalho, responder a duas perguntas que muito me intrigam: Quais são os motivos que têm levado a essa nova abordagem dos filmes infantis e quais são as possíveis conseqüências que isso pode apresentar na construção da categoria gênero para as crianças? Para responder a essas indagações, analisarei dois filmes infantis clássicos (*Cinderela* e *A Bela Adormecida*) e dois filmes infantis que desconstróem os padrões desenvolvidos pelos clássicos (*Shrek* e *Deu a louca na chapeuzinho*), contrapondo-os e buscando soluções para os problemas que me dispus a resolver.

⁶ Coloco a palavra imitar entre aspas, já que as crianças não imitam efetivamente as personagens em questão, mas sim buscam nessas personagens modelos a seguir, ou seja, a criança se espelha nas atitudes das personagens para desenvolver sua própria personalidade (como exemplo posso citar o garoto que se baseia na virilidade e na coragem do príncipe encantado e pretende ser viril e corajoso como ele em suas situações cotidianas).

⁷ O fato de colocar homens como fortes e viris e mulheres como passivas e delicadas não é uma opinião pessoal; só procurei reproduzir nesse trecho o padrão de homem e de mulher considerado normal pela sociedade, de maneira geral.

Desenvolvimento

Uma análise dos filmes infantis clássicos

Os filmes infantis clássicos são os que melhor consolidam a noção de gênero nas crianças, uma vez que povoam a imaginação das mesmas com príncipes encantados fortes, viris e corajosos; princesas meigas, delicadas e que sempre acreditam no amor ficando à espera de que o príncipe as salve dos perigos; bruxas ou outros tipos de vilões feios e profanos que sentem prazer em ser maus e fadas que estão sempre prontas a ajudar as pessoas boas e de

bom coração. Dos inúmeros filmes clássicos, criados principalmente por Walt Disney, dois muito me atraem a atenção por suas idéias de gênero tão bem consolidadas e, muitas vezes, escondidas nas entrelinhas. São eles: *Cinderela* e *A Bela Adormecida*. Procurarei fazer uma análise crítica a respeito das noções de gênero transmitidas às crianças por esses dois filmes, considerando o gênero no âmbito das representações, como uma categoria que atribui significado à sociedade e aos indivíduos, transformando-os em sujeitos sociais.

Começarei minha análise dos filmes, interpretando a construção da identidade feminina, me utilizando da teoria de Maria Celeste Mira, em seu artigo *O masculino e o feminino nas narrativas da cultura de massas ou o deslocamento do olhar* (2003)⁸. Mira relaciona a construção da identidade feminina com o romance e o melodrama, evidenciando o primeiro fator que desenvolve a identidade de gênero nas crianças que é o fato de que mulheres devem ser românticas e as histórias de amor dos filmes infantis atraem a atenção das crianças do sexo feminino⁹. O importante apontado pela autora é que a maioria dos filmes de Hollywood (e podemos estender isso para os filmes infantis de maneira geral) giram em torno de um relacionamento amoroso, heterossexual e romântico. Dessa forma, acredito que qualquer criança é capaz de relacionar essas situações de relacionamento amoroso com sua realidade e, lamentavelmente, considerar como normal apenas os relacionamentos heterossexuais e românticos, discriminando as demais formas de sexualidade (bissexualismo, homossexualismo, transexualismo, etc.). Mira revela que quando as mulheres consomem romances e melodrama, seja em forma de livro, filmes ou novela, elas pretendem consumir, na verdade, a experiência romântica, sonhando com seus príncipes encantados e os apuros que eles teriam que enfrentar para conquistá-las. Considero que as crianças do sexo feminino também pretendem viver contos de fadas na vida real, e por isso aceitam tão facilmente os padrões de gênero impostos por eles. É nesse sentido que Mira mostra que as narrativas românticas penetram no cotidiano das mulhe-

⁸ MIRA, M. C. O masculino e o feminino nas narrativas da cultura de massas ou o deslocamento do olhar. Revista semestral do Núcleo de Estudos de Gênero. *Pagu*. Universidade Estadual de Campinas. v.21, 2003, p. 13-38.

⁹ Coloco aqui o termo sexo feminino para deixar claro que a criança é biologicamente feminina, ou seja, tem características anatômicas femininas, mas isso não significa que ela tenha atributos que a classifiquem como componente do padrão heterossexual de gênero feminino.

res e acabam constituindo um estilo de vida padronizado e constroem o senso de identidade que as mulheres elaboram sobre si mesmas (e a expectativa de viver uma experiência romântica e ser feliz faz parte dessa construção da identidade feminina).

Uma série de aspectos dos filmes em questão muito me intrigou, pois dissimulam uma idéia de gênero padronizada e bem elaborada, adotada pelas crianças às vezes inconscientemente. Começando a análise pelo filme *Cinderela*, pretendo apontar os principais aspectos observados por mim. O narrador da história, logo no início do filme, após a morte do pai de Cinderela, explicita as principais características da jovem, que era meiga, bela, sonhadora, tinha uma linda voz (cantava muito bem), era delicada e passiva (aceitava se submeter à madrasta e a suas filhas sem se aborrecer). Implicitamente, o narrador revelou os atributos que a criança deve ter para ser uma “princesa”¹⁰. O fato de Cinderela ser responsável por todos os afazeres domésticos do castelo e ter um final feliz na história também deixa implícito as funções da mulher no lar para ser feliz. A madrasta e suas filhas são feias, robustas e grosseiras, pois assim se deixa claro para as crianças que mulheres preguiçosas e invejosas se tornam feias e odiadas por todos. A presença da fada madrinha no enredo da história faz com que as crianças entendam que garotas “boazinhas”, que amam incondicionalmente e são passivas, recebem ajuda das forças mágicas do bem e, inevitavelmente, se tornam felizes. O fato de a magia se acabar à meia-noite manipula as crianças a serem obedientes e não fugirem aos padrões impostos, pois elas querem ser sempre “princesas” e não querem voltar a ser “gatas borralheiras”.

¹⁰ Utilizo o termo princesa aqui no sentido de que a criança quer ser tratada como uma princesa pelos seus pais, ou seja, quer ser mimada, elogiada e quer ainda viver uma história de amor como a Cinderela viveu. E, para ser uma “boa moça” (para utilizar um termo mais moderno) é necessário que a criança tenha os atributos já citados.

No filme *A Bela Adormecida* também existem aspectos que evidenciam a construção da identidade feminina. No dia de nascimento da princesa Aurora, as fadas deram-lhe como presente a beleza e o dom de cantar, atributos padronizados como femininos e absorvidos pelas crianças que assistem ao filme. O próprio nome da princesa, Aurora, e o codinome que as fadas dão a ela quando a adotam como camponesas, Rosa, expressam beleza e deli-

cadeza, que também são atributos tipicamente femininos. Mulheres com poderes, ou seja, que se destacam, são ridicularizadas, como é o caso das três fadas que ao assumirem a forma de camponesas decidem não usar seus poderes por dezesseis anos e não conseguem fazer trabalhos domésticos, como cozinhar e costurar, trabalhos esses que são padronizados como tipicamente femininos; pode-se interpretar que as três fadas não “servem” para serem mulheres. A bruxa Malévola é feia, profana, invejosa, e tem poderes, fugindo aos padrões pré-estabelecidos de mulher, e por isso sendo odiada e discriminada. A princesa Aurora dorme um sono profundo, enquanto príncipe Felipe passa por dificuldades para salvá-la, o que representa simbolicamente que a mulher deve ser passiva e delicada, esperando que seu verdadeiro amor a resgate de todos os perigos, e ensina as crianças do sexo feminino que assistem ao filme a se tornarem passivas e meigas diante dos problemas da vida cotidiana, que exigem delas atributos que elas não foram influenciadas a adquirir por serem considerados atributos masculinos¹¹.

Ambos os filmes que estão sendo analisados também trabalham com a construção da identidade masculina. Para analisá-los utilizarei o artigo *A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia*, escrito por Daniel Welzer-Lang (2001)¹². Esse autor se baseia em um duplo paradigma naturalista: a pseudo natureza superior dos homens, que se consideram no direito de dominar as mulheres, e a heterossexualidade sendo considerada como a única forma de sexualidade normal e natural. Welzer-Lang critica a educação de crianças do sexo masculino¹³, considerando-a como paradoxal e revelando que tal educação se baseia na idéia de que um homem de verdade deve combater qualquer atributo que seja considerado como típico do gênero feminino. Os lugares e espaços freqüentados apenas por homens e onde ocorre parte significativa da educação das crianças do sexo masculino (clubes esportivos, colégios, cafés, etc.) são denominados pelo autor de “*casa-dos-homens*”¹⁴. Welzer-Lang diz que os homens mais velhos têm a função de modelar os iniciantes para que se tornem viris. A criança do sexo

¹¹ Tais atributos podem ser exemplificados por força de vontade, coragem, racionalidade, entre outros.

¹² WELZER-LANG, D. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. *Estudos feministas*. Ano 9, 2º sem. 2001, p. 460-481.

¹³ Coloco aqui o termo sexo masculino para deixar claro que a criança é biologicamente masculina, ou seja, tem características anatômicas masculinas, mas isso não significa que ela tenha atributos que a classifiquem como componente do padrão heterossexual de gênero masculino.

¹⁴ Daniel Welzer-Lang utiliza este termo se referindo aos trabalhos de Maurice Godelier (1982).

masculino deve aceitar a lei dos maiores, aceitar a lei daqueles que lhes ensina as normas para o acesso à virilidade, que lhes ensinam o “saber ser homem”. O autor do artigo explicita que a educação das crianças do sexo masculino se faz pelo sofrimento (sofrimentos psíquicos, através das críticas e humilhações pelas quais a criança deve passar, e sofrimentos físicos, através do esforço que devem fazer para modelar seus corpos em padrões estabelecidos¹⁵ e não serem mais alvo das críticas dos colegas). O sofrimento pode ser visto de forma simbólica nos próprios filmes infantis, quando, em *Cinderela*, o príncipe não tem interesse em se casar e seu pai lhe obriga a escolher uma esposa para preservar a honra da família e para garantir a procriação (sofrimento psíquico) ou quando, em *A Bela Adormecida*, o príncipe Felipe precisa passar por uma floresta de espinhos e lutar contra um dragão para resgatar a princesa Aurora (sofrimento físico). Welzer-Lang revela que o homem deve se submeter ao modelo e regras que lhe são impostos, mas também obtém privilégios desse modelo, pois tal modelo o considera superior às mulheres e lhe dá o direito de dominá-las. Os homens se submetem, segundo o autor, a uma hierarquia masculina, uma vez que nem todos têm os mesmos privilégios (Welzer-Lang denomina de “*grandes-homens*” aqueles que têm mais poder que os demais, seja esse poder de cunho religioso, político, econômico, científico, administrativo, entre outros). Partindo de todas as abordagens do autor quanto à educação de crianças do sexo masculino, que se tornam crianças não só do sexo, mas também do gênero masculino¹⁶, ele discute o surgimento da homofobia, que é a discriminação de pessoas que apresentam qualidades e características padronizadas como sendo típicas de outro gênero.

Muitos aspectos dos filmes aqui analisados me chamaram a atenção visto que podem ter uma forte influência na construção da identidade masculina nas crianças. Em *Cinderela*, o pai da princesa se casa de novo, pois é viúvo e sentia falta de algo para se completar, o que representa, para mim, duas das características atribuídas ao gênero masculino, que é a virilidade e a dominação da mulher, pois o pai

¹⁵ A modelagem dos corpos se baseia em desenvolver a musculatura, ou em fazer muito exercício físico para que seja sempre vencedor nos esportes.

¹⁶ Utilizo o termo gênero masculino no sentido de atribuir à criança as características que se atribui a um homem que se adapta ao padrão heterossexual de gênero.

de Cinderela sentia falta de uma mulher para reger a casa (cuidar da casa com delicadeza e passividade). O rei, pai do príncipe, acredita no casamento do filho como mero meio de procriação (o rei quer ter netos) e também como uma obrigação do príncipe que deve manter sua honra, uma vez que o rei não admite a idéia de que seu filho não pretende se casar. O príncipe é forte, elegante, bonito, corajoso e viril, evidenciando de forma simbólica em sua imagem todos os atributos admirados como normais em homens pela sociedade, e induzindo as crianças a considerarem que só serão homens de verdade quando apresentarem em sua personalidade e em seu físico tais atributos.

No filme *A Bela Adormecida*, o príncipe também apresenta todos os atributos considerados como normais para homens, ainda mais evidentes do que em *Cinderela*; o príncipe Felipe é forte, bonito, corajoso, sedutor e viril, e influencia a criança do sexo masculino que assiste ao filme a ter esses mesmos atributos. Por questões de honra, o pai de Felipe não aceita a idéia de que seu filho está apaixonado por uma camponesa (já que ambos não sabem que a camponesa é, na verdade, a princesa Aurora), e ensina a criança a sempre defender sua honra e cumprir suas promessas (Felipe estava prometido a se casar com uma princesa); em outras palavras, ensina as crianças a ter “atitudes de homem” padronizadas pela educação, que Welzer-Lang tanto critica, dos mais velhos sobre os mais jovens. No momento em que as fadas resgatam o príncipe do castelo da bruxa Malévola, elas lhe dão um escudo e uma espada para que ele possa enfrentar os perigos que o esperam no resgate de sua amada, mas elas denominam os objetos como sendo o escudo da virtude e a espada da verdade, resumindo todos os atributos padronizados como masculinos, ou seja, um Homem¹⁷ deve ser dotado de virtude e de verdade, incentivando as crianças a acreditarem que os homens sempre são abundantes em qualidades e sempre têm a razão (verdade) nas situações. Além do mais, o príncipe Felipe enfrenta uma série de dificuldades no resgate da princesa Aurora (que dorme em seu sono eterno, tão delicada e passiva) que, a meu ver,

¹⁷ Utilizo a palavra Homem com o “agá” maiúsculo para se fazer entender a visão idealizada e consolidada que se tem de homem, como o dominador, viril, forte, corajoso, inteligente e racional; seria um homem universal que dificilmente se encontraria na realidade.

se assemelha muito ao “rito de passagem” que Welzer-Lang menciona em seu artigo, uma vez que o príncipe precisa passar por essas situações (lutar contra os súditos de Malévola, atravessar uma floresta de espinhos e lutar contra a bruxa, que se autotransformou em dragão) para provar sua virilidade e sua coragem e ser digno de se casar com a donzela; isso se assemelha aos sofrimentos (psíquico e físico) pelos quais as crianças do sexo masculino precisam passar para provar que conseguiram se tornar homens de verdade, com todos os atributos que um Homem deve apresentar.

Uma análise dos filmes infantis contemporâneos

Novos filmes infantis surgem a todo ano. É fácil notar que esses filmes que vêm surgindo (os denominarei de filmes infantis contemporâneos) apresentam significativas diferenças em relação aos clássicos, já analisados anteriormente. Essas diferenças aparecem em vários âmbitos e podem ser estudadas por diferentes ramos da ciência, mas acredito que as diferenças de noções de gênero são evidentes e merecem destaque. Os príncipes encantados não são mais tão corajosos e viris; as princesas não são mais tão delicadas e passivas e os vilões não me parecem tão maus nem tão feios. Procurarei, então, analisar essas novas configurações de gênero que estão sendo transmitidas às crianças através de dois filmes contemporâneos, nos quais posso notar que essas configurações aparecem de forma cômica¹⁸ e muito clara. Analisarei, portanto, os filmes *Shrek* (2001) e *Deu a louca na Chapeuzinho* (2006).

É inevitável perceber que os personagens femininos dos filmes em questão fogem à convenção de delicadeza e passividade, características que qualquer pessoa que acredita fielmente no padrão heterossexual de noções de gênero espera encontrar em uma mulher¹⁹. Mira relaciona a construção da identidade feminina com o romance e o melodrama, e isso ainda pode ser percebido na princesa Fiona que, embora seja uma princesa menos passiva e delicada do que aquelas dos filmes clássicos, ainda espera viver uma história de amor e espera que um príncipe derrote o dragão e a salve no quarto mais alto da

¹⁸ Não pretendo, usando o termo “cômica”, considerar formas de sexualidade alternativas e configurações de gênero diferentes do padrão heterossexual como motivos de piadas. Apenas utilizo o termo em questão, uma vez que as novas configurações de gênero apresentadas nos filmes que serão analisados têm o intuito de causar um estranhamento a todos que estão impregnados pelas idéias do padrão heterossexual e, assim, gerar o riso e a piada.

¹⁹ Uso o termo “mulher” aqui no sentido de ser biológico, anatomicamente feminino. Mas isso não significa que esse ser do sexo feminino esteja adaptado aos padrões heterossexuais pré-estabelecidos.

torre mais alta do castelo, com um doce beijo de amor. Apesar do filme *Shrek* ainda girar em torno de um relacionamento amoroso heterossexual e romântico (romance entre Shrek e Fiona), ele mostra outras formas de sexualidade, como é o caso do romance entre Burro e o dragão fêmea que guardava a princesa, uma vez que são animais muito diferentes e ainda assim se amam. Além do mais, nos filmes *Shrek 2* e *Shrek terceiro*, que não são analisados neste trabalho, existe um personagem travesti. O diferencial dos filmes *Shrek* e *Deu a louca na Chapeuzinho* é que as personagens não são idealizadas, uma vez que a princesa Fiona opta por ser permanentemente uma ogra no final do filme, com hábitos nojentos e não dignos de uma princesa, tomando esse termo no sentido que os filmes infantis clássicos atribuem a ele. Além do mais, Chapeuzinho Vermelho não é uma vítima passiva no filme *Deu a louca na Chapeuzinho*, como acontece com tal personagem na história original. A garota é campeã nacional de karatê e consegue derrotar o Lobo quando luta contra ele. A Vovozinha também não é doente e frágil, mas sim uma senhora ativa e radical que gosta de viver aventuras.

Os filmes aqui analisados têm diversos aspectos que desconstróem as noções de gênero construídas e consolidadas pelos filmes clássicos. Em *Shrek*, a princesa é bonita, tem uma linda voz (canta bem), mas adquire hábitos que uma princesa clássica não adotaria, como comer ratos no espeto, arrotar e lutar contra um grande número de homens sozinha e derrotar todos eles. É interessante observar a evolução da princesa ao longo do filme: ela aparece com suas noções de gênero bem consolidadas, esperando que um príncipe bonito, viril e corajoso a salve e a desperte com um doce beijo de amor, mas, quando ela se apaixona por Shrek, ela começa a aceitar sua personalidade forte e egoísta e abandona o ideal de encontrar um príncipe encantado. Em *Deu a louca na Chapeuzinho*, Chapeuzinho Vermelho não é uma garota passiva e delicada, mas sim uma garota corajosa que quer ser heroína, pois pretende salvar as receitas de sua avó do ladrão guloso.

Para analisar a construção da identidade mas-

culina nos filmes infantis contemporâneos, continuarei utilizando a teoria de Daniel Welzer-Lang. Esse autor critica a educação das crianças do sexo masculino, que se baseia na idéia de que homens não podem apresentar nenhum atributo que seja padronizado como feminino. Welzer-Lang revela que a educação das crianças do sexo masculino se dá através do sofrimento (psíquico e físico). O autor considera que o homem deve se submeter às regras e aos padrões impostos, mas adquire benefícios disso por ser considerado superior às mulheres.

Diversos aspectos me atraem a atenção por apresentarem uma configuração da identidade masculina diferente daquela elaborada pelos filmes infantis clássicos, nos filmes infantis contemporâneos. Em *Shrek*, o protagonista e herói da história não é um príncipe ideal, mas sim um monstro verde, grande e assustador, que tem bons sentimentos, reprimidos pela exclusão social que ele sofre por ser um ogro. O ogro passa pelos sofrimentos físicos os quais Welzer-Lang menciona em seu artigo, mas ele passa por esses sofrimentos não com o intuito de resgatar sua amada (como um rito de passagem que o incluiria no gênero masculino), mas apenas para salvar a princesa em nome de Lord Farquaad e obter seu pântano novamente só pra si. O “príncipe”²⁰ da história é feio, muito baixo, covarde e cruel, características rejeitadas na personalidade de um homem de verdade (pertencente ao gênero masculino impregnado pelas idéias heterossexuais). Aquele que pretendia se casar com a princesa é que deveria passar pelos sofrimentos físicos e salvá-la, mas não é isso o que acontece; o Lord tem interesse em se tornar rei, mas não quer passar pelos sofrimentos que provam que ele é digno de pertencer ao gênero masculino²¹ e, portanto, digno de ser rei.

Em *Deu a louca na Chapeuzinho*, o Lobo, que sempre foi visto como vilão dos filmes e histórias infantis, aparece como um repórter investigativo que pretende ser herói, pois está atrás de pistas que o levem a descobrir quem é o ladrão guloso. O lenhador, que na história original, é o herói que salva a garotinha e sua avó, ambas indefesas, é o personagem que menos tem a acrescentar ao caso dos rou-

²⁰ Uso o termo príncipe entre aspas, uma vez que Lord Farquaad é, na verdade, o vilão da história, mas se ele quer se casar com a princesa, ele assume o papel de um príncipe dos filmes clássicos, embora sua personalidade e suas características físicas sejam tão diferentes das dos príncipes dos filmes clássicos.

²¹ Gênero masculino aparece aqui no sentido dos padrões heterossexuais pré-estabelecidos.

bos das receitas de doces e só apareceu na cena da confusão, no início do filme, por mero acaso. Tal personagem não tem características de herói, pois é desastrado e desprovido de inteligência. O coelhinho, um animalzinho bonito e felpudo que está sempre perto de quem precisa de ajuda, é o verdadeiro vilão da história, embora tenha aparência inocente e apresente atributos em sua personalidade dignos de um herói; ele sabe lutar muito bem, derrotando Chapeuzinho Vermelho em uma luta e é completamente sem escrúpulos.

Logo se percebe que os filmes infantis contemporâneos têm apresentado novas configurações de gênero para as crianças que os assistem. Os personagens desses filmes não são idealizados, com atributos padronizados e fixos, mas sim são personagens singulares com características diferentes e surpreendentes. A pergunta que se faz é: quais são os motivos do surgimento dessas novas configurações de gênero nos filmes infantis e quais são as possíveis consequências disso para os pensamentos e as ações das crianças?

Considerações finais

Em virtude de todas as análises já feitas e se baseando nas teorias dos autores aqui utilizados, torna-se evidente o fato de que os filmes infantis interferem, e muito, na construção da personalidade das crianças que os assistem. Procurei, ao longo de todo o trabalho, mostrar como os filmes infantis influenciam na construção da identidade de gênero em crianças tanto do sexo masculino quanto do sexo feminino, me baseando em quatro filmes (dois clássicos e dois contemporâneos). Mas procurei, acima de tudo, mostrar o aparente paradoxo que tem ocorrido nos filmes infantis contemporâneos, que ensinam às crianças diferentes configurações de gênero não abordadas nos enredos dos filmes infantis clássicos.

Tendo em vista essa evolução²² dos filmes infantis, me propus a entender os motivos e as possíveis consequências da mesma. Após muito refletir, não consegui chegar a uma conclusão própria a respeito dos reais motivos que têm gerado essa evolução já

²² Essa é uma opinião pessoal, pois realmente considero que evidenciar a existência de sexualidades alternativas e de diferentes configurações de gênero e aceitá-las como normais é uma evolução moral em relação às pessoas que ainda acreditam no padrão heterossexual idelaizado.

descrita. Mas me apoiando nas teorias dos quatro autores utilizados neste trabalho, pude obter quatro hipóteses que respondem à essa indagação.

Teresa de Lauretis, a autora de quem peguei emprestado o conceito de gênero utilizado neste trabalho, elabora em seu artigo que o conceito de gênero se apresenta em quatro proposições: gênero é uma representação que tem implicações concretas na vida material dos indivíduos; a representação do gênero é a sua construção; a construção do gênero hoje ocorre da mesma forma que ocorreu no passado e ela acontece não apenas onde se espera que aconteça (ela ocorre na mídia, nas escolas, na família, mas também na academia, na comunidade intelectual, nas práticas artísticas, etc.) e a construção das noções de gênero se faz também através da sua desconstrução (o gênero vai além da representação, pois é também o que está fora do discurso de gênero como um “trauma em potencial”²³). Pode-se deduzir, partindo das proposições elaboradas por De Lauretis, que ela considera que a construção da identidade de gênero ocorreu no passado e continua a ocorrer no presente, mas não só na mídia, nas escolas, na família, ocorrendo também na própria comunidade intelectual, na comunidade artística, etc. Logo, percebe-se que a autora admite que a mídia influencia as pessoas quanto às suas noções de gênero, tanto no passado (filmes clássicos) quanto no presente (filmes contemporâneos). Mas o mais interessante pensado por De Lauretis é que ela considera que a construção da identidade de gênero ocorre também por sua desconstrução, ou seja, ampliar os horizontes para que a sociedade possa perceber que existem diferentes configurações de gênero, muito mais complexas e reais do que o padrão heterossexual idealizado. Talvez os produtores de filmes infantis tenham notado que chegou o momento de influenciar a construção da identidade de gênero nas crianças através da desconstrução das noções de gênero já consolidadas pelos filmes clássicos, evidenciando para as crianças que nada é tão idealizado como os clássicos mostram. Imagino que eles queiram que as crianças entendam que “príncipes encantados”²⁴ podem não ser bonitos e também arro-

²³ Termo usado por De Lauretis em seu artigo.

²⁴ Príncipes encantados, aqui, são homens que têm bons sentimentos, mas que, apesar de tudo, podem cometer erros e mesmo assim continuam pessoas confiáveis e amigáveis.

tam e acordam com remela nos olhos e que “princesas”²⁵ nem sempre são bonitas e também podem ser heroínas ativas.

Maria Celeste Mira, a autora que utilizei para fazer minhas análises a respeito da construção da identidade feminina, revela em seu artigo que os fãs de determinado gênero literário acabam por desenvolver uma competência na leitura desse gênero e tornam-se, assim, leitores exigentes provocando alterações nos textos dos autores. Podemos estender essas considerações da autora para o âmbito da mídia, concluindo que fãs de determinado gênero de filme (filmes infantis, por exemplo) se tornam cada vez mais exigentes quanto a esse gênero provocando mudanças nos enredos do mesmo. Dessa forma, constata-se que talvez os produtores de filmes infantis perceberam que as crianças já não se interessavam mais por aqueles personagens idealizados e padronizados que os clássicos apresentavam e, por isso, precisaram alterar os enredos dos filmes infantis, criando personagens que fogem ao padrão estabelecido pelos filmes clássicos e que, por causarem estranhamento (afinal, são personagens dotados de atributos nunca observados antes pelas crianças), pudesse atrair a atenção do público alvo dos filmes infantis.

Daniel Welzer-Lang, o autor que utilizei para fazer minhas análises a respeito da construção da identidade masculina, escreve em seu artigo que existe a tendência a surgirem cada vez mais sexualidades alternativas, que fogem aos padrões heterossexuais pré-estabelecidos. O autor considera que as “fronteiras de gênero”²⁶ têm a tendência a se decompor e o masculino se mostrará em suas diversas formas. Welzer-Lang revela que a dominação masculina em relação às mulheres ainda continua, mas tem a tendência a diminuir e deixar de ser opressiva. Ele acredita que mudar nossa visão crítica e aceitar as novas análises referentes às noções de gênero oferece instrumentos para desconstruir nossas noções uniformes e padronizadas da categoria gênero. Partindo dessas considerações, pode-se deduzir que talvez os produtores de filmes infantis tenham percebido a atual tendência ao surgimento de novas con-

²⁵ Princesas, aqui, são mulheres que aceitam o fato de que os homens podem cometer erros e de que elas também erram, mas isso não as impede de serem pessoas boas, que gostam de fazer o bem a quem quiserem.

²⁶ Termo utilizado por Welzer-Lang em seu artigo.

figurações de gênero, criando personagens menos idealizados e procurando desconstruir a idéia de dominação masculina que as crianças têm, consolidada pelos filmes clássicos. Talvez os produtores em questão tenham percebido o que Welzer-Lang tão brilhantemente teoriza, considerando que podem mudar a visão crítica das crianças, criando condições para que elas aceitem as novas configurações de gênero que vêm surgindo e desconstruindo as idéias do padrão heterossexual consolidadas na personalidade do público alvo dos filmes infantis.

Ralph Linton, o autor utilizado para introduzir este trabalho, revela que a cultura tem participação essencial na formação da personalidade dos indivíduos. À medida que as pessoas amadurecem, devem constantemente abandonar antigos padrões de pensamento e de conduta e aprender novos, mais apropriados ao momento que a sociedade vive. E, nesse processo, a cultura guia os indivíduos na elaboração dos novos padrões. Dessa maneira, a partir desse processo, raras serão as vezes que os indivíduos agirão de forma incompatível com suas personalidades. Partindo das considerações de Linton, acredito que os produtores de filmes são vítimas da cultura, pois devem seguir os padrões culturais (que não foram criados por eles) da sociedade, mas também são construtores da cultura, pois transmitem esses padrões aos demais indivíduos através dos filmes produzidos. Sendo assim, talvez os produtores de filmes infantis estejam amadurecendo e adquirindo novos padrões, mais flexíveis e menos idealizados e fixos, em relação à noção de gênero. Dessa forma, tais produtores talvez estejam criando filmes que apresentem novas configurações de gênero, para transmitir os novos padrões às crianças e permitindo que elas se adaptem mais facilmente ao momento em que a sociedade vive, um momento de grandes transformações relacionadas às noções de gênero, uma vez que está se admitindo a existência das diversas sexualidades alternativas e a desconstrução dos papéis sociais de homens e de mulheres, antes muito bem elaborados e consolidados.

Apresentados os possíveis motivos que estão gerando a já descrita evolução dos filmes infantis, fal-

ta-me apenas perceber as possíveis conseqüências de tal evolução para a construção da personalidade nas crianças e, mais especificamente, para a construção da identidade de gênero nas crianças. Através das teorias dos autores utilizados neste trabalho não consegui encontrar nenhum aspecto que mostrasse as conseqüências que procuro. Mas, depois das análises dos filmes infantis clássicos e contemporâneos, dos conhecimentos que as teorias dos autores já puderam me proporcionar e da análise da minha realidade (observando o comportamento de crianças após o surgimento dos filmes infantis contemporâneos), fui capaz de elaborar minhas próprias hipóteses a respeito das conseqüências da evolução dos filmes infantis. Acredito que as crianças estão desenvolvendo em si uma personalidade mais apta a aceitar as diferenças, em todos os âmbitos da sociedade, mas mais precisamente as diferenças de gênero, se adaptando mais facilmente às sexualidades alternativas que têm surgido e as considerando como normais. Considero que é exatamente essa falta de adaptação das pessoas mais velhas a essas novas configurações de gênero que tem causado tanto preconceito e discriminação e gerado uma relação tensa entre as pessoas “dominadas” pelos padrões heterossexuais pré-estabelecidos e as pessoas que adotam uma, ou várias, das sexualidades alternativas. Além disso, acredito que as crianças estão se tornando mais críticas quanto à realidade em que vivem e mais perspicazes para apreenderem os aspectos dessa realidade que não correspondem à idealização elaborada pelos filmes infantis clássicos, uma vez que os filmes contemporâneos apresentam situações e conflitos que as crianças vivem em suas realidades. Por isso, acredito que os filmes infantis contemporâneos preparam melhor as crianças para a vida real, onde não existem princesas e príncipes (no sentido adotado pelos filmes clássicos), mas pessoas reais com problemas reais. Partindo dessas minhas hipóteses, considero que as crianças, com mais consciência e senso crítico, poderão fazer um futuro melhor para a sociedade, com menos discriminação e menos opressão das pessoas que optam por uma sexualidade que fuja ao padrão heterossexual pré-estabelecido.

Para finalizar este trabalho, quero evidenciar que, embora eu tenha criticado muito os aspectos idealizados apresentados pelos filmes infantis clássicos, não acredito que eles tenham transmitido esses aspectos às crianças propositalmente. Conforme já expliquei anteriormente, os produtores de filmes são vítimas e, ao mesmo tempo, construtores da cultura. Sendo assim, acredito que tais produtores foram educados nos padrões heterossexuais padronizados e idealizados e só transmitiram às crianças as suas visões de mundo, baseadas em suas realidades. Não pretendo com este trabalho elaborar uma teoria de que os produtores de filmes infantis tinham algum tipo de complô contra a sociedade, para desenvolver uma nova sociedade ideal, formada por príncipes e princesas (tomados aqui no sentido adotado pelos filmes infantis clássicos), onde pessoas feias e sensíveis seriam rejeitadas e eliminadas. Findo esse aspecto pendente do presente trabalho, gostaria de concluir que é fato que os filmes infantis têm especial importância na formação da personalidade das crianças que os assistem e que nunca se pode duvidar do poder da cultura sobre a personalidade dos indivíduos a ela submetidos. Dessa forma, é de suma importância que a sociedade submetida a determinada cultura defina que tipo de crianças elas querem desenvolver, levando em consideração a forma como a cultura dessa sociedade interfere na construção da identidade das crianças. Quanto às configurações de gênero, as crianças já estão sendo educadas (seja pelos pais, ou pela mídia ou pela escola) para aceitar as diversas sexualidades alternativas que vêm surgindo e já estão se tornando mais tolerantes em relação às mesmas, o que me faz crer em um futuro com mais tolerância e menos opressão.

Referências

LAURETIS, de T. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, H. B. (Org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 206-242.

LINTON, R. O papel da cultura na formação da personalidade. In: _____. *Cultura e personalidade*. São Paulo:

Mestre Jou, 1973, p. 129-154.

MIRA, M. C. O masculino e o feminino nas narrativas da cultura de massas ou o deslocamento do olhar. Revista semestral do Núcleo de Estudos de Gênero. *Pagu*. Universidade Estadual de Campinas. v.21, 2003, p. 13-38.

WELZER-LANG, D. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. *Estudos feministas*. Ano 9, 2º sem. 2001, p. 460-481.